

O ESTEREÓTIPO DE FAMÍLIAS NEGRAS: A MATERNAGEM ENTRE O CONTROLE E O CUIDADO

KAROLINY MARTINS¹
JOÃO PAULO SIQUEIRA²

RESUMO

Este artigo discute a maternagem em dinâmicas familiares negras a partir da análise de um episódio do seriado norte-americano *Todo Mundo Odeia o Chris*. A reflexão centra-se nos estereótipos e nas imagens de controle que contribuem para a (re)produção das desigualdades raciais, vulnerabilizando famílias negras e reforçando a posição do grupo dominante. Tais estereótipos associam essas famílias à violência, à precariedade e, sobretudo, ao vício em drogas. Argumenta-se que essas representações se materializam em práticas institucionais e emocionais, configurando uma profecia autorrealizável que individualiza e responsabiliza as vítimas. O artigo também analisa as estratégias dos personagens diante dessas representações, que oscilam entre a enunciação autônoma, a assimilação e a conformação, considerando as ambiguidades implicadas nessas respostas. Por fim, são apontadas aproximações entre o contexto estadunidense narrado pelo seriado e a realidade brasileira, ressaltando o papel da produção audiovisual na manutenção e no tensionamento das representações.

PALAVRAS-CHAVE

Famílias Negras; Cuidado; Racismo; Estereótipos.

THE STEREOTYPE OF BLACK FAMILIES: MOTHERING BETWEEN CONTROL AND CARE

ABSTRACT

This article discusses mothering in Black family dynamics based on the analysis of an episode of the American sitcom *Everybody Hates Chris*. The reflection focuses on stereotypes and controlling images that contribute to the (re)production of racial inequalities, rendering Black families vulnerable and reinforcing the position of the dominant group. Such stereotypes associate these families with violence, precariousness, and, above all, drug addiction. It is argued that these representations materialize in institutional and emotional practices, configuring a self-fulfilling prophecy that individualizes and blames the victims. The article also analyzes the characters' strategies in the face of these representations, which range from autonomous enunciation to assimilation and conformity, considering the ambiguities involved in such responses. Finally, it highlights parallels between the U.S. context portrayed in the sitcom and the Brazilian reality, emphasizing the role of audiovisual production in both maintaining and challenging these representations.

KEYWORDS

Black Families; Care; Racism; Stereotypes.

¹ Antropóloga. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Assessora Técnica no Ministério da Justiça e Segurança Pública. Professora Convidada da Pós-Graduação em Antropologia Cultural na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Contato: karol_pgem@msn.com - karolf.martins@gmail.com.

² Psicólogo e Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Assistente de Pesquisa no Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF). Contato: joaop.307@gmail.com.

LE STÉRÉOTYPE DES FAMILLES NOIRES : LA MATERNITÉ ENTRE CONTRÔLE ET SOIN

RÉSUMÉ

Cet article discute de la maternage au sein des dynamiques familiales noires à partir de l'analyse d'un épisode de la série américaine *Everybody Hates Chris*. La réflexion se concentre sur les stéréotypes et les images de contrôle qui contribuent à la (re)production des inégalités raciales, fragilisant les familles noires et renforçant la position du groupe dominant. Ces stéréotypes associent ces familles à la violence, à la précarité et, surtout, à la dépendance aux drogues. Il est soutenu que ces représentations se matérialisent dans des pratiques institutionnelles et émotionnelles, constituant une prophétie autoréalisatrice qui individualise et responsabilise les victimes. L'article analyse également les stratégies des personnages face à ces représentations, oscillant entre l'énonciation autonome, l'assimilation et la conformité, tout en tenant compte des ambiguïtés impliquées dans ces réponses. Enfin, il met en évidence les rapprochements entre le contexte états-unien présenté dans la série et la réalité brésilienne, en soulignant le rôle de la production audiovisuelle dans le maintien et la mise en tension de ces représentations.

MOTS-CLÉS

Familles noires ; Soins ; Racisme ; Stéréotypes.

EL ESTEREOTIPO DE LAS FAMILIAS NEGRAS: LA MATERNIDAD ENTRE EL CONTROL Y EL CUIDADO

RESUMEN

Este artículo discute la maternidad en las dinámicas familiares negras a partir del análisis de un episodio de la serie estadounidense *Everybody Hates Chris*. La reflexión se centra en los estereotipos y en las imágenes de control que contribuyen a la (re)producción de las desigualdades raciales, generando vulnerabilidad en las familias negras y reforzando la posición del grupo dominante. Tales estereotipos asocian a estas familias con la violencia, la precariedad y, sobre todo, con la adicción a las drogas. Se argumenta que estas representaciones se materializan en prácticas institucionales y emocionales, configurando una profecía autocumplida que individualiza y responsabiliza a las víctimas. El artículo también analiza las estrategias de los personajes frente a estas representaciones, que oscilan entre la enunciación autónoma, la asimilación y la conformidad, considerando las ambigüedades implicadas en dichas respuestas. Finalmente, se señalan aproximaciones entre el contexto estadounidense narrado en la serie y la realidad brasileña, resaltando el papel de la producción audiovisual en el mantenimiento y en la tensión de estas representaciones.

PALABRAS CLAVE

Familias negras; Cuidado; Racismo; Estereotipos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende discutir as dinâmicas familiares negras, em especial a maternagem, utilizando como referência o seriado *Todo Mundo Odeia o Chris*, criado por Chris Rock e Ali LeRoi, que se passa no cenário “fictício” do *Brooklyn*, Estados Unidos, nos anos 1980. Nele, é retratada a vida do comediante Chris Rock em tom sarcástico e satírico, no qual ele e sua família são os personagens principais. A série traz, em tom provocativo, retratos da vida cotidiana marcada pelas tensões raciais e materiais vivenciadas pelo autor e sua família, a qual está em busca de melhores condições de vida.

Os personagens principais formam um núcleo familiar negro formado por três irmãos, sendo Chris o mais velho, seu pai Julius, trabalhador em dupla jornada, e a mãe Rochelle, responsável pelo trabalho doméstico. Nesse sentido, propomos construir um diálogo com base na discussão em que os sentimentos são informados e, com isso, as formas de cuidado não são homogêneas.

Patricia Hill Collins (2005) nos auxilia a considerar a divisão sexual do trabalho dentro e fora de casa, em termos racializados, como no caso das mulheres negras estadunidenses que, de modo geral, manejam o trabalho doméstico de forma comunitária entre seus pares femininos, enquanto os homens se dedicam ao sustento financeiro da casa e da família. Temos que esta forma específica de organização social, isto é, de família nuclear e patriarcal, é característica do “Ocidente” e imposta a outros territórios (Oyěwùmí, 2021), delimitando caminhos privilegiados de subjetivação entre mulheres e homens, inclusive no Brasil (Zanello, 2018).

No episódio que será analisado, discutimos sobre o imaginário estereotipado e a narrativa posta em prática que se tem sobre famílias negras, como se essas fossem, essencialmente, atravessadas por vícios, violência e vulnerabilidade. Compreendemos que tais estereótipos exercem controle e (re)produzem desigualdades para manutenção de grupos dominantes no poder (Collins, 2019).

Diante disso, tensionamos as estratégias assumidas para lidar com esses aprisionamentos representativos, seja por meio da enunciação autônoma, da assimilação ou da conformação ao imaginário. Por fim, trazemos similaridades entre o contexto estadunidense narrado pelo seriado e a realidade brasileira em termos das bases e implicações do racismo, analisando a função da produção audiovisual nesses processos.

O SERIADO, AS FAMÍLIAS NEGRAS E AS IMAGENS DE CONTROLE

O seriado *Todo Mundo Odeia o Chris* se trata de uma obra semiautobiográfica, com quatro temporadas e oitenta e oito episódios, que retrata a adolescência do comediante

negro Chris Rock. A história se passa em *Bed-Stuy*, Nova Iorque, nos anos de 1980. O programa foi ao ar entre os anos de 2005 e 2009 em solo estadunidense pela *Columbia Broadcasting System* (CBS), entretanto, no Brasil, *Todo Mundo Odeia o Chris* é transmitido desde 2006 na TV aberta pela emissora de televisão *Record*, e segue sendo transmitido até os dias atuais. Isso se dá pelo grande número de fãs conquistados no Brasil que, por determinados motivos, identificaram similaridades entre o que é relatado no seriado e o que é vivido no contexto brasileiro — o que logicamente é potencializado pelo esforço da dublagem para aproximar o conteúdo. A principal temática é o atravessamento racial na vida do protagonista, um homem negro, no cenário familiar e escolar.

Para discutir as questões sobre maternagem, cuidado e estereótipo em famílias negras, selecionamos um episódio central que discorre sobre as famílias negras estadunidenses em situação de vulnerabilidade social. Ou melhor, sobre o imaginário social a respeito de pessoas e famílias negras, o qual foi fortalecido pelo discurso científico por meio de lentes hegemônicas, daqueles que lucram material e subjetivamente desses preconceitos e estereótipos, esculpindo *imagens de controle* (Collins, 2019), isto é, representações estereotipadas para justificar e normalizar a opressão de mulheres negras.

O episódio selecionado é o vigésimo segundo, o último da terceira temporada, intitulado “Todo Mundo Odeia Formatura”. Neste episódio, Chris está em seus últimos dias na *middle school*, nível escolar similar ao nosso ensino fundamental dois, ou seja, está prestes a se mudar para uma escola *high school*, correspondente ao ensino médio. Estando situado em uma escola com marcada segregação racial, sendo ele o único negro, o protagonista fica receoso quanto à escolha da nova escola por medo de seguir sendo o único estudante negro e sofrendo discriminações raciais. Receio esse intensificado quando Greg, seu único amigo, informa que irá estudar em uma escola privada para alunos de excelência acadêmica.

A fim de garantir o mínimo de laço afetivo nessa nova fase escolar, Chris e Greg têm a ideia de inscrever Chris para essa escola privada. Entretanto, uma professora, chamada senhorita Morello, que auxiliou Greg na inscrição anteriormente, recebe a ideia de inscrever Chris com espanto e, de forma racista, insidiosa e com sorriso no rosto, diz que Chris não deve pensar tão alto, ainda que, para família dele, “graduar-se [no ensino fundamental] deva significar algo grandioso, algo equivalente a ter um *PhD*”, ele precisaria ter os pés no chão. Ainda nesse diálogo, a professora recorda da existência de um programa de acesso à bolsa integral para minorias em vulnerabilidade social e que Chris deveria tentar por essa via. Morello se comprometeu a ajudá-lo.

Ao chegar em casa, Chris comenta de seu plano para seus pais, que tiveram reações contrárias entre si. A mãe, Rochelle, achou uma ótima ideia para o futuro do seu filho ao imaginá-lo em uma escola de excelência, mas o pai, Julius, rechaça a ideia de antemão, por pensar nos valores a serem gastos, ao passo que, no mesmo episódio, investe dinheiro em

um plano mirabolante de seu irmão para ganhar dinheiro³. Esse comportamento diferencial entre os pais pode nos dizer algo sobre os papéis de gênero estimulados em sociedades atravessadas pelo cristianismo e pela colonização europeia, nas quais fora instituído um modelo familiar específico em que às mulheres é delegado a função do cuidado afetivo, e aos homens o sustento financeiro (Oyěwùmí, 2021). No entanto, rememoramos a crítica de Louis Marcelin (1996) a respeito de uma visão homogênea de famílias negras, que embora tenham sofrido marcantes atravessamentos do colonialismo e do *pós-plantation*, demonstram agência e dinâmicas de resignificação e conformações nessas constituições de família e cuidado.

Para o protagonista ter acesso à bolsa integral, precisaria passar pelas seguintes fases de seleção: prova escrita, entrevista domiciliar, análise de financiamento e teste de drogas — este último critério é relatado em tom de humor. Após ter aprovação na prova escrita, a professora Morello indica que um funcionário da nova escola irá visitar a casa de Chris, mas que, para isso, a mãe dele “deve estar sóbria”.

Com a chegada do entrevistador branco à casa da família, ele se senta na sala, juntamente com Chris e Rochelle, para dar início ao procedimento. E as primeiras perguntas foram as seguintes: “Há quanto tempo você é viciada em heroína? Soube que é viciada em álcool também”; “Você tem três filhos? Quem são os pais deles? Sabe o nome deles?”. Diante de tais comentários, Rochelle apenas corrige as informações, algo incomum dado o temperamento combativo descrito na personagem, o que pode indicar tanto uma familiaridade com estereótipos racistas e/ou por se tratar de um ambiente que se exige um comportamento estratégico para garantir a aprovação do filho. E, assim, Rochelle questiona de onde ele tirou essas informações e Chris dá a entender que se deu através da professora Morello. Ao apontar isso, uma cena é transmitida de como Morello teria retratado a família de Chris para o entrevistador com os argumentos de que:

Infelizmente, o Chris é filho da droga, a mãe tem alucinações, o cérebro foi afetado por anos de uso de drogas e vinho barato. Ela está mesmo convencida que tem marido que trabalha em dois empregos e que têm uma casa [própria] no gueto. Não acredite nela (Professora Morello, *Todo Mundo Odeia o Chris*, terceira temporada, episódio 22, 2007).

Registra-se que, em 1971, foi oficialmente declarado o início da chamada “guerra às drogas”, instaurando um modelo repressivo que passou a enquadrar juridicamente uma série de substâncias tornadas ilegais. Conforme observa Thiago Rodrigues (2012), nos Estados Unidos, a associação entre determinadas drogas e grupos sociais esteve fortemente marcada por um viés xenófobo e racista: a maconha foi vinculada a populações hispânicas, o ópio a comunidades chinesas, a cocaína a pessoas negras e o álcool a imigrantes irlandeses e

³ O plano era de vender *mix tapes*: compilação de faixas musicais gravadas em fita cassete. Um trabalho lucrativo, mas ilegal por violação de direitos autorais.

italianos. No Brasil, a heroína passou a ser considerada um problema de saúde pública a partir da década de 1910, quando foi associada a cafetões e prostitutas, enquanto a maconha, já no século XIX, era relacionada a negros capoeiristas e tratada como questão de ordem pública (Rodrigues, 2004; Passetti, 1991 *apud* Rodrigues, 2012).

Nesta cena, diferentes *imagens de controle* foram acionadas para caracterizar a personagem e reificar desigualdades produzidas pelo racismo, tendo constantemente a drogadição como pano de fundo (Collins, 2019). Essa dinâmica de aprisionamento representacional pode ser vista na preconceção do entrevistador de que Rochelle seria sexualmente promíscua, ao assumir que ela teve filhos de diferentes parceiros, os quais poderia nem conhecer. Assim como na associação de Rochelle às *welfare queens*, mulheres negras que teriam filhos para viver de renda do Estado — algo muito similar às acusações no Brasil sobre o bolsa família, no movimento de culpabilização e individualização das desigualdades. Nesse sentido,

Criar a imagem de controle da mãe dependente do Estado e estigmatizá-la como causadora de sua própria pobreza e da pobreza das comunidades afro-americanas desloca o ângulo de visão das fontes estruturais da pobreza e culpa as vítimas. A imagem da mãe dependente do Estado fornece, assim, uma justificativa ideológica para o interesse do grupo dominante em limitar a fecundidade das mães negras, consideradas produtoras de um excesso de crianças economicamente improdutivas (Collins, 2019, p. 167).

Ainda durante a entrevista, a polícia entra na casa de Chris e algema todos presentes, inclusive o entrevistador, pois estava em busca de seu tio que estava realizando o plano mirabolante para ganhar dinheiro, mas que, na verdade, era de forma criminosa. A descrição da cena preservou a própria confusão tal qual ela foi percebida. Após essa cena, o entrevistador indica que Chris foi aprovado e seguirá no processo seletivo para ingresso na escola, justamente por confirmar o contexto de vulnerabilidade e violência que, na verdade, tratou-se de um evento atípico do seu cotidiano.

Entretanto, na fase seguinte, a de análise documental para o financiamento, a professora Morello informa a Chris que ele foi reprovado nessa fase, já no final do episódio, ao constatarem que:

Seu pai realmente tem dois empregos, sua mãe não é viciada em heroína, ela também tem emprego. E, aparentemente, aquela casa é de vocês. Sua família vai muito bem para qualificá-lo para um financiamento. Chris, por que você mentiu? (Professora Morello, *Todo Mundo Odeia o Chris*, terceira temporada, episódio 22, 2007; grifo nosso).

Dessa forma, ainda que seja a partir de uma obra semibiográfica e satírica, é possível identificar o poder da representação social do grupo dominante sobre aquele subalternizado, dos brancos em relação aos negros, especificamente no que tange às dinâmicas familiares, compreendidas de forma estática e determinista. Percepções essas

que, ao serem postas em ação, configuram não só um exercício hierárquico de demarcação da diferença, mas de (re)produção das desigualdades (Díaz-Benítez *et al.*, 2021).

(RE)PRODUÇÃO DOS CONTROLES: ENTRE REVERBERAÇÕES DAS IMAGENS E AS CONFORMAÇÕES AO IMAGINÁRIO

Segundo Frantz Fanon (2020), o estereótipo racial opera como uma espécie de profecia autorrealizável, incidindo tanto sobre negros quanto sobre brancos. Isso porque, ao antecipar e modular a conduta do sujeito negro, o estereótipo frequentemente o força a corresponder, ainda que de modo involuntário, à imagem que lhe é projetada. Assim, quando a figura da “mulher negra raivosa”, por exemplo, é socialmente imposta, ela condiciona nos outros uma hipervigilância que, por sua vez, pode induzir comportamentos de expressão da raiva coerentes com o estereótipo, não por essência, mas como efeito das condições relacionais e do isolamento prévio. Desse modo, o ciclo se retroalimenta e naturaliza o imaginário racista.

A visão estereotipada também se configura como expressão do racismo, sendo aplicada mesmo sem consciência. No caso específico de Rochelle, no episódio em questão, ela foi categorizada previamente, sem base em fatos ou dados, como uma pessoa viciada, com a cognição comprometida, sendo tratada (in)justamente dessa forma pelo entrevistador.

Diante disso, segundo uma perspectiva da antropologia das emoções (Rosaldo, 1984), esses pensamentos hierarquizantes são incorporados e agenciados nas relações interpessoais, ditando controle e modos específicos de subjetivação. Ao mesmo tempo, Sara Ahmed (2014) argumenta que, embora as emoções sejam incorporadas, estas não residem no corpo individual, mas circulam entre corpos, moldando o social. Isto é, que as emoções trabalham para formar os contornos dos corpos e das coletividades, influenciando como nos relacionamos com os outros e com o mundo ao nosso redor.

No entanto, a produção dessas imagens, estereótipos e emoções não se dão aleatoriamente, mas estão fincadas nos interesses de dominação colonial, capitalista e patriarcal (Siqueira; Holanda, 2025). Diante disso, Rita Segato (2019) propõe que tais (re)produções imagéticas e emocionais funcionam como pedagogias, esculpindo pessoas, relações e instituições.

Em especial, este episódio suscita a reflexão sobre o papel das instituições na reverberação das *imagens de controle*. Tomando as instituições não como entidades transcendentais e impessoais, mas como agenciadas por subjetividades e poder (Castilho; Souza Lima; Teixeira, 2017), podemos analisar sua função nas dinâmicas de dominação racial. No episódio discutido, os cargos de poder das instituições estavam representados por

personagens pertencentes a um mesmo grupo racial, o branco: desde a professora Morello, o entrevistador, até os policiais.

Nas cenas apresentadas, esses agentes aplicaram os valores preconceituosos em suas práticas profissionais, seja na abordagem truculenta da polícia, ou na deturpação, implícita, da realidade, impedindo o desenvolvimento e a aplicação de políticas sociais fundamentadas na equidade, assim, reforçando as desigualdades.

Nesse intento de nomear a norma, queremos indicar a funcionalidade das *imagens de controle* como um agenciamento de um determinado grupo social, o qual lucra material e subjetivamente com essa estrutura. Para isso, acionamos o paradigma da posicionalidade para apontar que “toda visão é uma visão de algum lugar e todo ato de fala é uma fala de algum lugar” (Abu-Lughod, 2018, p. 197), não como determinação da intencionalidade, mas centrado na territorialização da análise.

A partir desse paradigma, rememoramos outra *imagem de controle* associada à Rochelle, o de raivosa. À personagem foi dada a caracterização de forte e autoritária no controle da casa e da família, tomando decisões rápidas e sem muita abertura para contestação. Explosiva, mas carinhosa: ela se irrita facilmente, eleva o tom de voz e solta broncas memoráveis, mas é sugerido que suas reações seriam movidas pelo desejo de proteger os filhos.

Rochelle seria facilmente categorizada como uma mulher raivosa pela lente daqueles que estão acostumados a descrever pessoas com seus marcadores, seja pelos personagens que representam as instituições no episódio ou por cientistas majoritariamente brancos (Pereira, 2020). Entretanto, há também uma responsabilidade em quem divulga a personagem; há uma sátira e/ou reprodução do estereótipo por parte de Chris Rock e Ali LeRoi? Outros seriados estadunidenses protagonizados por famílias negras, que também fizeram sucesso na televisão aberta brasileira, como “Eu, a patroa e as crianças” e “Um maluco no pedaço” são marcados pela similaridade na caracterização de mulheres negras. Para Moya Bailey (2021), trata-se de *misogynoir*, uma misoginia específica contra mulheres negras no audiovisual.

Entretanto, Patrícia Hill Collins (2005), em *Black Women and Motherhood*, nos relembra a problemática representacional que é associar, de forma essencialista e romantizada, as mães negras à força, no sentido da resiliência. A autora pontua que tal associação também tem funcionado como *imagem de controle*, uma vez que esvazia e naturaliza desigualdades e o coloca como se fosse um adjetivo empoderador, quando, na verdade, seria mais uma captura subjetiva que aprisiona a mulher em um lugar de vulnerabilidade. Retomando os aspectos nem sempre conscientes do estereótipo, Collins nomeia que tais associações estavam sendo feitas por homens negros acadêmicos que

acreditavam estar valorizando suas mães. Um perigo de substituir imagens negativas por positivas, já identificado pelas pesquisadoras negras. Nesse sentido,

Até recentemente, no entanto, como consequência do fato de as famílias negras terem sido tão patologizadas pelo ideal tradicional de família, as mulheres negras relutam em analisar em público a culpa potencial das famílias na opressão das mulheres negras. As pensadoras negras têm sido mais uniformemente positivas ao descrever as famílias negras e muito mais relutantes em criticar a organização das famílias negras que suas homólogas brancas. Consequentemente, os Black Studies enfatizam materiais que, embora demonstrem com razão as qualidades positivas das famílias negras estadunidenses em um contexto de opressões interseccionais, tratam apenas superficialmente de seus problemas. Essa ênfase nas qualidades, contudo, muitas vezes tem um preço, e frequentemente quem o paga são as mulheres afro-americanas. Assim, na produção acadêmica feminista negra, finalmente começamos a ouvir não apenas histórias, por tanto tempo ocultas, de mulheres negras fortes, mas também histórias de mulheres cujas responsabilidades familiares, atribuídas segundo o gênero, lhes trouxeram problemas (Collins, 2019, p. 180).

Desse modo, há diferentes formas pelas quais a personagem é vista. Alguns a classificam como uma mãe violenta e rude ou também tem aqueles que a reconhecem como uma mulher forte, já outros dirão que ela é uma mãe atenta ao contexto. No que tange à possibilidade interpretativa de compreender Rochelle como alguém ativa por conta do contexto de violência, há similaridades com o contexto brasileiro, especialmente diante da hierarquia racial. É similar, também, as estratégias de compensação para proteger os filhos do racismo, como no ímpeto de recusa radical às *imagens de controle*, mediante a adesão às *políticas de respeitabilidade* (Higginbotham, 1993). Segundo Higginbotham (1993), trata-se de um conjunto de práticas, valores e comportamentos vistos em uma comunidade de mulheres negras cristãs na passagem do século XIX para o XX, na qual incentivavam entre si e em suas comunidades a modéstia, a sobriedade, a disciplina moral, o autocontrole, a higiene e a castidade para combater os estereótipos racistas e sexistas.

Ademais, nomear o temperamento de Rochelle como violento, rude ou desviante é, implicitamente, assumir um padrão ideal de cuidado esperado de uma mãe. Oyeronke Oyěwùmí (2021) alerta a respeito dos perigos da universalização de conceitos e categorias, que sempre estão fundamentados em valores dos grupos de poder hegemônico. O tipo específico de maternagem ideal do “Ocidente” está relacionado com o ideal de família, composto por um homem branco cisgênero e heterossexual, casado com uma mulher branca cisgênero e heterossexual, que criam filhos regados ao amor e à harmonia incondicional em algum território do Norte-Global. Tal configuração possui raízes cristãs, mas com significativas adaptações para se adequar ao desejo hegemônico.

O que, segundo Achille Mbembe (2018), configura-se como um recorrente sintoma do “Ocidente”: a *ficção útil*. Ou seja, na realidade, a estrutura familiar ideal não é natural ou universal: os pais não são tão presentes assim, frequentemente nem se tem pai e a educação se dá através da punição. Dessa forma, a família ideal não funciona como o previsto e, por

extensão, nem a maternagem, mas serve como regra moral, de organização social e com marcada coercitividade⁴.

Nesses termos, portanto, compreendemos que a família de Chris está circunscrita e desejanse pela conformação a um imaginário ideal para fugir do racismo, por meio dessas *políticas de respeitabilidade*. Seja na replicação da família nuclear, patriarcal e das pedagogias gendradas de subjetivação ou no esforço de distanciar-se, radicalmente, de outras famílias negras, apostando no individualismo e nas *máscaras brancas* em busca de respeito.

bell hooks (2019) argumenta que a manutenção do patriarcado supremacista branco está diretamente ligada à naturalização de imagens midiáticas que reforçam estereótipos raciais e sustentam a opressão das populações negras. O campo da representação, portanto, permanece central para compreender tais dinâmicas, já que o desafio crítico imposto às pessoas negras tem sido ultrapassar a oposição simplista entre boas e más imagens, muitas vezes definida a partir de parâmetros brancos. Observa-se ainda que estereótipos semelhantes são reproduzidos por produções negras, o que evidencia que a questão fundamental reside na perspectiva política a partir da qual se constrói o olhar. Nessa direção, a reflexão sobre raça e representação não deve restringir-se à crítica do *status quo*, mas incluir a criação de alternativas, a subversão de imagens consagradas e a abertura para representações transgressoras. Ressalta-se, por fim, que mudanças efetivas não dependem apenas da transformação das imagens, mas da alteração dos paradigmas e modos de ver, possibilitando uma nova forma coletiva de olhar para a negritude e para as pessoas negras.

REPRESENTAÇÃO, REPERCUSSÃO E CONTROLE: A FUNÇÃO DO AUDIOVISUAL

Em um contexto no qual o cuidado se traduz na garantia da manutenção e continuação da vida de filhos racializados, faz-se necessário reinterpretá-lo, haja vista que algumas mães precisam lidar com as expectativas de vida de seus filhos que são diminuídas de modo sistemático. O emprego é um ponto determinante que reflete a expectativa de vida da população e, nesse caso, a diferença salarial entre brancos e negros, a qual pode chegar até 40%, é um dado interessante a se considerar.

Na série, a dupla jornada de trabalho desempenhada pelo pai de Chris, Julius, é motivo de orgulho da família, mas em especial é motivo de vaidade da mãe. Isso é interessante à medida que dialoga com o dado trazido anteriormente, mas se torna mais relevante à proporção que o exercício paterno do trabalho pode ser lido como um sinônimo de zelo para com a família. Ainda que as atividades laborais desempenhadas pelo pai ocupem

⁴ Uma *ficção útil* característica do Brasil, segundo Lélia Gonzalez (1988), é sobre a função da Mãe Preta, aquela escravizada que nutria físico-afetivamente as crias da Casa Grande, mas eram apagadas da história e o reconhecimento pela dedicação na criação era dada totalmente à mãe branca. Dinâmicas que se mantêm na atualidade na figura das trabalhadoras domésticas (Venâncio, 2022).

boa parte de seu tempo, a presença paterna é constantemente acionada na série, em especial, nos momentos destinados às refeições, como almoço e jantar, desagradando o imaginário do pai ausente que, frequentemente, é associado aos ambientes familiares negros.

Os meios de comunicação exercem um papel socializador fundamental ao difundir formas simbólicas que transmitem valores, normas e crenças, fornecendo aos indivíduos parte significativa do material com o qual constroem suas identidades e representações sobre grupos sociais (Kellner, 2001; Thompson, 1995; Hall, 1997; Bourdieu, 2003 *apud* Candido; Daflon; Feres Júnior, 2016). No Brasil, o cinema nacional, além de ocupar posição relevante nos *rankings* mundiais de bilheteria, constitui um espaço privilegiado para compreender como tais formas simbólicas operam na construção e na manutenção de imagens sociais.

Entre 2002 e 2013, 238 filmes nacionais de gênero ficcional que figuraram entre as 240 maiores bilheterias foram analisados pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da Universidade Federal Fluminense (UFF) (2016), excluindo-se documentários e produções infantis. Essa investigação ocorreu em duas etapas. Primeiramente, observaram-se direção, roteirização e atuação, buscando identificar diversidade de gênero e raça nessas funções. Posteriormente, foram classificados personagens brancos, pretos e pardos dos gêneros feminino e masculino nos elencos principais de 91 filmes em que atores e atrizes negros(as) apareciam em materiais de divulgação. A base resultante contabilizou 2.324 personagens, classificados segundo lugar na trama, profissão, local de moradia e posição moral.

Os dados revelaram que, de um total de 246 diretores e diretoras, 84% eram homens brancos e 13% mulheres brancas, evidenciando uma desigualdade racial ainda mais acentuada que a de gênero, que já apontava para a proporção de quase sete homens para cada mulher. A baixa presença de realizadores negros foi interpretada como fator que contribui para a perpetuação de imagens e arquétipos estereotipados, produzindo um efeito de circularidade e restringindo os pontos de vista representados. Assim, a sub-representação de mulheres, negros e outras minorias na produção cultural comercial, aquela que dispõe de mais recursos e meios de distribuição, reitera as desigualdades estruturais da sociedade brasileira.

Embora seja recorrente a alegação de que, por seu caráter comercial, os produtos culturais apenas refletiriam a realidade ou atenderiam a preferências pré-existentes do público (teoria da mimesis), estudos indicam que a cultura *mainstream* contribui ativamente para a construção de preferências, identidades, normas, valores e estilos de vida. Isso significa que o audiovisual não apenas espelha, mas também molda percepções sociais, desempenhando papel crucial na manutenção de *imagens de controle*. No caso brasileiro, os

filmes analisados mostraram pouca preocupação em resgatar elementos do imaginário nacional estruturado em torno da mestiçagem, reforçando a predominância da branquidade e a invisibilização de mulheres pretas e pardas, mesmo em produções que retratam personagens negros e classes populares.

Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre a reverberação dessas representações e o papel do audiovisual na produção de *imagens de controle*, capazes de reforçar estereótipos ou tensionar desigualdades. No Brasil, onde as desigualdades raciais se materializam em diferentes esferas sociais, como na expectativa de vida e no acesso ao emprego, o audiovisual desempenha função significativa na reprodução ou no questionamento dessas hierarquias. A diferença salarial entre brancos e negros, que pode chegar a 40%, como já colocado, exemplifica um dado estrutural que encontra eco nas narrativas audiovisuais, seja pela ausência de representações diversas, seja pelo reforço de padrões normativos.

Assim, a análise conjunta do cinema nacional e de produções televisivas evidencia que o audiovisual, longe de ser mero reflexo da realidade, atua como espaço estratégico de disputa simbólica, no qual representações de raça, gênero e classe se cruzam. Ao mesmo tempo em que reforça imagens de controle e estereótipos historicamente consolidados, também pode tensioná-los, abrindo brechas para a reinterpretação de papéis sociais e para a emergência de novas narrativas sobre a experiência negra e popular no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as dinâmicas familiares negras retratadas em *Todo Mundo Odeia o Chris*, torna-se evidente que o audiovisual atua como espaço de disputa simbólica, capaz de tanto reforçar estereótipos quanto de provocar deslocamentos críticos. A leitura das práticas de maternagem, da divisão sexual e racial do trabalho e das estratégias de resistência permite compreender como o racismo estrutura formas de vida e subjetividade, mas também como as famílias negras produzem cuidado, solidariedade e sobrevivência em meio a tais imposições. Assim, aproximar o contexto estadunidense do brasileiro revela não apenas a dimensão transnacional das *imagens de controle*, mas também a possibilidade de identificar pontos de ruptura que afirmam a potência das experiências negras.

Reconhecemos, no entanto, que as reflexões aqui propostas são limitadas diante da complexidade que envolve as discussões sobre dinâmicas raciais e familiares. Ainda assim, ao tensionar as lógicas de produção de legitimidade do cuidado e da manutenção da vida, o artigo abre precedentes para a imaginação de famílias afrocentradas. Tal perspectiva pode inspirar futuros possíveis para telespectadores(as) negros(as), repercutindo sobre escolhas

afetivas que escapem às narrativas estigmatizantes e contribuam para a construção de horizontes mais justos e plurais.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- BAILEY, Moya. **Misogynoir Transformed: Black Women's Digital Resistance**. New York: New York University Press, 2021.
- CANDIDO, Marcia Rangel; DAFLON, Verônica Toste; FERES JÚNIOR, João. Cor e gênero no cinema comercial brasileiro: uma análise dos filmes de maior bilheteria. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 3, p. 116-135, 2016. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/bc5c90df-72f3-4c64-94a1-53fe7f8e82f0.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.
- CASTILHO, Sergio Ricardo; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; COSTA TEIXEIRA, Carla. **Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.
- COLLINS, Patricia Hill. Black Women and Motherhood. //: HARDY, Sarah; WIEDMER, Caroline (Ed.). **Motherhood and Space: Configurations of Maternal through politics, home and the body**. New York: Palgrave MacMillan. 2005. p. 149-160.
- COLLINS, Patricia Hill. Mamies, matriarcas e outras imagens de controle. //: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 150-199.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira *et al.* Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. **Anuário Antropológico**, v. 46, n. 3, p. 10-29, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p. 223-244, 1984.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. **Righteous Discontent: The Women's Movement in the Black Baptist Church, 1880-1920**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- MARCELIN, Louis Herns. 1996. **A Invenção da Família Afro-americana: família, Parentesco e Domesticidade entre os Negros do Recôncavo da Bahia, Brasil**. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições. 2018.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. São Paulo: Bazar do Tempo. 2021.

PEREIRA, Luena. Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras. **Revista de Antropologia**, v. 63, n. 2, p. 1-14, 2020. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.170727>

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico e militarização nas Américas: vício de guerra. **Contexto Internacional**, v. 34, n. 1, p. 9-41, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/rwTYjJdcGrnzGjx6r3n46ww/>. Acesso em: 16 set. 2025.

ROSALDO, Michelle. Toward an anthropology of self and feeling. //: SHWEDER, Richard; LEVINE, Robert (Ed.). **Culture theory: essays on mind, self, and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SIQUEIRA, João Paulo; HOLANDA, Marianna. Fundamento colonial das emoções: pensamentos em (re)ação e (d)enunciação como micropolítica. **Mosaico**, v. 17, n. 27, p. e1727202513, 2025.

VENÂNCIO, Vinícius. “Se eu não tivesse estudado, eu seria mais uma Madalena”: o parentesco como atualizador da falsa abolição brasileira. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 9, n. 17, p. 1-16, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em 29 de janeiro de 2024.
Aprovado em 26 de outubro de 2025.

